

## À MEMÓRIA DE LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO\*

Odilon Nogueira de MATOS

Feliz sob todos os aspectos a iniciativa de nossa Academia dedicando suas sessões de aniversário à evocação de confrades que já nos deixaram, mas deixaram em nossa corporação traços marcantes e assinaladores de suas passagens pela Casa. É a segunda vez que me cabe falar em cerimônia de tal natureza. A primeira foi já há bastante tempo, em memória de Hilton Federici, meu companheiro de bancos acadêmicos na Universidade de São Paulo e um dos mais dedicados membros de nossa Academia. Hoje, cabe-me evocar aquele que, se não foi o fundador da Academia - pois este mérito cabe a Francisco Ribeiro Sampaio - foi, pode-se dizer, o seu consolidador: Lycurgo de Castro Santos Filho. Presidiu-a por dezesseis anos e nesse extenso período deu corpo à Academia, fazendo com que ela se projetasse não só no ambiente campineiro, mas por todo o Estado e mesmo pelo País; inscrevendo-a na Federação das Academias de Letras do Brasil; fazendo com que ela participasse do Primeiro Encontro das Academias realizado em Goiânia, em 1971; criando e estimulando a série de publicações, por reconhecer que é por elas que uma entidade se projeta, mais que pelas simples reuniões; cuidando de sua instalação a princípio em modesto conjunto do centro da cidade e, depois, entrando em entendimentos com o então Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves, hoje um dos nossos, para que pudéssemos ter este palácio que tanto nos honra e do qual tanto nos orgulhamos. Enfim, a noite seria curta se fôssemos recordar tudo quanto Lycurgo de Castro Santos Filho fez pela nossa Academia.

---

(\*) Evocação lida em sessão da Academia Campinense de Letras, em 17 de maio de 1999.

Quando em fins de 1976 Lycurgo deu-nos a conhecer sua intenção de não continuar na presidência para o biênio que se iniciaria no ano seguinte, preocupou-nos o saber quem se disporia, não digo a substituí-lo, pois isto nos parecia quase impossível, mas a sucedê-lo. Contra tudo o que eu poderia pensar essa honra coube a mim mesmo e assim me tornei o terceiro presidente da Casa. Surpreendeu-me a escolha de meus confrades, pois não só eu era, na ocasião, um dos mais novos acadêmicos, como tantos outros havia mais merecedores de tal distinção. O ver na galeria dos presidentes meu retrato em seqüência a Sampaio e a Lycurgo, constitui uma das coisas de que mais me orgulho, de quanto me tem acontecido em minha já bem longa existência.

Os traços biográficos de nosso homenageado são conhecidos, pois foram recordados por ocasião de seu falecimento, em setembro do ano passado. Traços que valem por marcos miliares de uma trajetória que atingiu os 88 anos, bem vividos com a graça de Deus e o carinho de seus familiares e amigos. Nascido no Rio de Janeiro, foi, contudo, no Vale do Paraíba que viveu sua infância. Em Lorena, cursou o tradicional Ginásio São Joaquim, nele realizando excelente formação humanística. Sua passagem, junto com seu irmão Maurício pelo tradicional educandário salesiano, ele a recordou em precioso “memorial”, que constitui uma das publicações de nossa Academia. Depois, a volta à cidade onde nasceu, o Rio de Janeiro para cursar a Faculdade de Medicina, numa época que coincidiu, no seu próprio dizer, com um dos períodos gloriosos da tradicional escola da Praia Vermelha.

Apenas formado (1934), veio para o Planalto, indo residir na cidade de Assis, na Sorocabana, cidade da qual seu pai - também Lycurgo e também médico - foi prefeito. De Assis, acompanhando um tio, magistrado ilustre, veio para a nossa Campinas e aqui viveu até ao final de sua existência, cerca de meio século. Aqui se realizou sob todos os pontos de vista: aqui constituiu família de dois matrimônios; aqui exerceu sua profissão médico; aqui criou a Sociedade de Medicina e Cirurgia; aqui fundou um dos maiores hospitais da cidade; aqui lecionou nas duas Universidades; aqui exerceu cargos públicos importantes; aqui participou de comissões especializadas; enfim, integrou-se na comunidade, não só em funções profissionais ou culturais, mas também na vida social, inclusive presidindo um dos clubes mais importantes da cidade. É o caso de dizer-se que, em Campinas só não fez o que não quis: a política, por exemplo.

Deixou obra bastante extensa, cerca de 150 títulos, entre livros, opúsculos e artigos em publicações culturais. Dedicou um carinho todo especial à história da medicina no Brasil, com excelente trabalho publicado na década de 40 e consideravelmente ampliado para uma edição por assim dizer definitiva publicada em 1991; foi a obra que mais renome lhe trouxe. Cada vez, e em qualquer lugar do Brasil, que se falasse em Lycurgo, era ele sempre lembrado como o “historiador da medicina”. Dedicou boa parte de sua vida à pesquisa de evento bastante triste, mas significativo da história de nossa cidade: a epidemia de febre amarela que assolou Campinas em fins do século passado. Quando o conheci, há quase cinquenta anos, já trabalhava no assunto. Teve como colaborador, na parte de pesquisa, um nosso amigo comum, o querido e saudoso José Nogueira Novaes, há pouco falecido, e a quem Lycurgo, generosamente, concedeu a co-autoria do livro. Pronto o trabalho, custou encontrar quem o publicasse. As editoras às quais os originais foram oferecidos, consideraram-no demais especializado. Lycurgo expressou-me muitas vezes a mágoa de vir a falecer sem que seu livro sobre a febre amarela fosse publicado. Felizmente, não precisou levar para o túmulo essa mágoa, pois graças ao Centro de Memória da Unicamp, então dirigido pelo amigo e confrade José Roberto do Amaral Lapa, veio a ser publicado, integrando a preciosa coleção “Campiniana”. E, como um dos fatos mais significativos de minha vida, convidou-me Lycurgo para escrever a apresentação de seu livro. Ponderei-lhe acerca do quanto essa minha colaboração seria desnecessária. Disse-lhe que livro de sua autoria não carecia de apresentação; o simples nome do autor valeria pela melhor das apresentações. Lycurgo insistiu, afirmando ser uma exigência da editora. Não tive senão que ceder. E para minha honra e glória, saiu “A Febre Amarela em Campinas” com minha apresentação. Só que... por descuido da editora ou da impressora, a apresentação saiu fora do livro, na contra-capa que ninguém lê... Daí Lycurgo ter sugerido que eu publicasse a “apresentação” em outro local, o que prazerosamente o fiz.

Mas, de toda a sua produção em livros, tenho um carinho especial pela “Uma comunidade rural do Brasil antigo”, sobre o qual escrevi demoradamente quando de seu aparecimento, em 1956. Considerei-o uma das mais valiosas contribuições à nossa história social e econômica, verdadeiro modelo de pesquisa tomando por base arquivos

de família, tão raros entre nós, e que permitiram ao autor, com segurança, erudição e discernimento, e ainda espírito crítico com relação ao aproveitamento das fontes, reconstituir a história de uma propriedade rural do Brasil antigo. Lycurgo não se limitou à história ou à medicina. Sua curiosidade intelectual foi sempre muito vasta, como o prova a riquíssima biblioteca que formou. A literatura e a arte, nas suas mais variadas conotações, estiveram sempre presentes em suas preocupações.

Lembremos que suas atividades culturais não se limitaram a Campinas. Estenderam-se à Capital, onde integrou os quadros de três grandes instituições: o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Paulista de História e a Academia Paulista de Letras, tendo chegado à presidência de todas elas. E no Rio de Janeiro, como correspondente, integrou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Nacional de Medicina.

O fato de termos sido colegas - ou "confrades", como se prefere dizer na linguagem acadêmica - em três entidades culturais de São Paulo - o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Paulista de História e a Academia Paulista de Letras - proporcionou-nos a oportunidade de um intenso convívio, pois semanalmente, e não raro até duas vezes por semana, nos reuníamos na Capital, onde, com mais dois saudosos companheiros queridos, Raul de Andrada e Silva e Brasil Bandecchi, constituíamos um "quarteto inseparável, que chegou até a merecer registro na imprensa, tal a nossa presença constante não só nas reuniões ordinárias das entidades a que pertencíamos, mas em diversos outros eventos nas áreas de nosso interesse.

O entendimento ou, melhor dizendo, o conagraçamento de nosso grupo despertava não diria inveja, mas admiração em toda a parte onde comparecéssemos. E isso durou mais de trinta anos, durante os quais solidificaram-se as qualidades que de início nos atraíram. E todos nós, víamos em Lycurgo como que a "alma" de nosso grupo. Sua capacidade de compreender, a lhanza de seu trato, a fidalguia de suas atitudes, a boa-vontade com que atendia às mais diversas propostas ou solicitações, sua preocupação de a todos estimular quando trocávamos idéias a propósito de trabalhos que tivéssemos em mira..., tudo isso, confesso, representava muito para nós todos, mas especialmente para mim. Quanto lucrei com esse prolongado convívio! As conversas

descontraídas e plenas de carinho à mesa de um restaurante - especialmente no Joquei Clube - valeram-me muito mais do que se nos tivéssemos às realizações efetivas ou formais do Instituto ou das Academias. Hernani Donato, excelente companheiro também das três Entidades, dedicou ao nosso quarteto deliciosa crônica, despertando provavelmente inveja em muita gente.

Nunca tivemos, da parte de Lycurgo, uma palavra que não fosse de estímulo e louvor ao que pretendíamos fazer, achando tudo “formidável”, expressão muito sua, recordada há pouco nesta Casa pela nossa querida confeitaria Maria Lúcia, que, no final, quando do desaparecimento do “Quarteto” pela morte de Bandecchi e de Raul, muitas vezes compareceu às agradáveis reuniões do Joquei, permitindo, assim, que o “duo” remanescente se transformasse num “trio”...

Certa vez, apreciando melhor as qualidades de nosso saudoso companheiro, lembrei-me de uma historieta ou lenda que ouvi na infância e da qual nunca esqueci. Alguém mostrou a uma multidão uma bandeira inteiramente branca, na qual colocara de propósito um pontinho negro bem ao centro. Indagou o que estavam vendo. Todos responderam: “um pontinho negro”; ao que o cidadão indagou: “E a superfície branca ninguém está vendo?” vejam bem: enorme superfície branca passou despercebida, enquanto todos se concentraram no “pontinho negro”. Trouxe à baila essa lenda, porque Lycurgo foi, para mim, uma pessoa que sempre soube ver a “superfície branca”, não se importando nunca com os “pontinhos negros” porventura existentes. Esse talvez tenha sido um dos segredos de sua bela e profícua existência. Se um dia, vier a escrever minhas memórias, por certo um belo capítulo será dedicado a esse meu relacionamento com o querido amigo, cuja memória comovidamente evoco embora de maneira tão singela. Que Deus o tenha em sua glória e sua lembrança continue nos inspirando.